



Algumas observações oriundas da leitura de *O estrangeiro* de Albert Camus*

*Paulo Henrique Favalli***, Porto Alegre

A obra literária de Albert Camus O estrangeiro apresenta um personagem cujo comportamento leva a pensar em quadros clínicos cada vez mais frequentes no mundo atual. São as chamadas patologias do vazio, as quais se caracterizam pela incapacidade de pensar e de dar às diversas experiências da vida um significado emocional mais genuíno.

Palavras-chave: Albert Camus, O estrangeiro, patologias do vazio, pulsão de morte, pós-modernidade.

* Comentário apresentado no evento *Café literário da Psicanálise* em 18/10/2011. Livraria Saraiva, Porto Alegre.

** Psiquiatra, psicanalista didata e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



O presente texto foi originalmente apresentado a um público leigo, isto é, não habituado à linguagem e a compreensões que aos psicanalistas soam muito familiares. Além dessa cabe outra advertência: ao comentar uma obra literária, não pretendo valer-me dos postulados teóricos da psicanálise para interpretar os acontecimentos da narrativa ou as motivações dos personagens ali descritos. Meursault, o protagonista do romance de Camus (1957), é fruto da criação literária e não um caso clínico. Como tal o que importa é o leque de possibilidades de leituras que o texto permite. Todavia posso expor como essa leitura me fez pensar em vários outros casos clínicos que, com frequência cada vez maior surgem nos consultórios analíticos.

É inevitável, portanto, que o comentário comece pela caracterização do personagem. É um homem que leva uma vida simples e normal, sem qualquer distúrbio psíquico social. Uma vida elementar. Duas palavras sintetizam o seu modo de ser: a indiferença e o vazio. A ênfase dada a esses aspectos percorre a maior parte do livro desde seu primeiro parágrafo: a morte da mãe. Não é à toa que Camus elege esse acontecimento como mote para causar um impacto inicial no leitor: a perda da mãe, aquela que representa a origem, o primeiro objeto de nossa existência, é relatada de forma displicente, fria. O narrador limita-se a descrever a superfície de tudo que se passa em torno sem qualquer referência ao significado da experiência emocional vivida por ele diante daquele acontecimento. Seus comentários dirigem-se às sensações corporais mais imediatas: o calor que fazia durante o enterro da mãe.

A experiência vivenciada é, portanto, apreendida apenas pela sua superfície. Nada possui um conteúdo interior, nem ele próprio, já que se revela incapaz de extrair significados emocionais do que se passa com ele. Não há qualquer construção imaginativa que possa brotar dos fatos observados.

Seu convívio com outras pessoas é isento de opinião ou sentimento. Assim ocorre com Raymond (um gigolô de comportamento violento), cuja conduta lhe é indiferente. Não é a favor nem contra essa amizade, *tanto faz* (expressão que ele repete sistematicamente sempre que é solicitado a tomar uma decisão) (Camus, 1957). O mesmo ocorre na relação com Marie. No início do cap. IV diz que encontrou Marie e desejou-a intensamente porque ela usava um belo vestido de listras vermelhas e brancas e sandálias de couro. Marie vale para ele pela aparência externa. Não reconhece nela algo que lhe desperte um sentimento amoroso. Não a ama, mas também não a odeia. Dispõe-se a casar com ela apenas para atender seu pedido. Para ele tanto faz.

É desta forma que comete o ato que constitui o ponto de virada do romance:



o assassinato do árabe. Não há um sentimento de ódio pelo árabe. Não há a intenção premeditada de matá-lo. Sua relação com essa pessoa decorre do temor expresso por Raymond. Mata porque o sol era muito forte. Um gesto desprovido de qualquer conteúdo emocional. O gesto de Meursault nada tem a ver com os ímpetos carregados de emoção dos personagens românticos. Não há lugar para uma intensa paixão ou busca incessante por uma meta ambicionada. Também não cabem ódios irrefreáveis, ciúmes, inveja ou desejos de vingança.

É isso que desperta no psicanalista ou psiquiatra da atualidade um interesse específico, pois encontramos cada vez mais em nossos consultórios personagens como Meursault. São configurações psicopatológicas que trazem como marca registrada o vazio mental. As formas clínicas variam (adição a drogas, os chamados quadros psicossomáticos, as anorexias ou bulimias, os núcleos autistas, as neossexualidades ou as depressões severas), mas o denominador comum está na incapacidade de pensar e de dar às diversas experiências da vida um significado emocional mais genuíno. Essa condição é referida por Alícia Lisondo (2004) quando aponta para as patologias do vazio como expressões de uma carência psíquica de experiências reais autênticas. Como no personagem do romance de Camus, “não há uma relação humana singular, não há frustração, nem amores, nem ódios” (Lisondo, 2004, p. 339). O embotamento da vida afetiva promove uma espécie de morte em vida como descreve a autora:

O pensamento nasce do sentimento. A ilusão surge do universo emocional e é o coração da criatividade. O divórcio entre o sujeito e o coração emocional leva à incessante procura errática do *zapping*, num deambular sem meta para passar o tempo (Lisondo, 2004, p. 339).

O que diferencia esses quadros clínicos das habituais neuroses (as quais suscitaram o nascimento da psicanálise)? As neuroses clássicas se caracterizam pelo conflito entre o desejo e a sua renúncia. Os sintomas neuróticos são expressão desta luta entre impulsos que anseiam por satisfação e o recalque que se opõe a eles. Mas o que ocorre quando o desejo faz-se ausente? Desaparece o conflito, a angústia, os sentimentos de perda e luto, mas também o gozo e a exaltação na perspectiva do encontro com o objeto desejado. A expectativa desse encontro que nos move para a frente e nos dá vida, entusiasmo, é substituída pela da satisfação mais imediata e fugaz ou pela experiência de um pânico sem nome ou forma.

Em prol de uma melhor compreensão, faço uma rápida exposição de como se originam as chamadas patologias do vazio. O ser humano não nasce com uma capacidade para pensar ou para dar significado às experiências emocionais que



vivência. Os bebês muito pequenos experimentam, nas primeiras fases de seu desenvolvimento, sensações corporais e emoções sem que possam compreendê-las. Vivem uma condição em que não se percebem como um ser integrado, distinto do mundo que os cerca. É nos primeiros contatos com a mãe (ou com as pessoas que venham a se ocupar do bebê) que ele irá aprender a *pensar* aquilo que lhe ocorre e adquirir o sentimento de ser alguém. O bebê chora, se agita, dorme, se assusta etc. A boa mãe acolhe essas manifestações de seu filho e tenta pensá-las por ele. A mãe fala com o bebê, canta para ele, o segura em seus braços.

Na medida em que essas experiências se repetem, o bebê vai aprendendo a *dar nome* àquilo que sente. Vai relacionando suas sensações: a satisfação da amamentação com a voz, o cheiro da mãe, o contato corporal que o aquece e o tranquiliza. Enfim, vai aprendendo a estabelecer relações entre suas experiências, vai adquirindo a capacidade de formar símbolos que, mais adiante, serão vinculados a sons e palavras. O que é mais importante nisso tudo é que tais experiências despertam no bebê o entusiasmo pela vida. O que chamamos de desejo é o anseio, a busca por aquele momento de satisfação, prazer que ele vivenciou nesses primeiros vínculos com outra pessoa.

Pois bem, o fracasso, o déficit dessa função materna deixa verdadeiros buracos na vida mental. A força que desperta para a vida não se faz presente, restando apenas o vazio. Em psicanálise diz-se que o ser humano é movido por dois tipos de forças (as quais chamamos de pulsões). Uma promove a busca pela vida, pelo crescimento, pela aquisição de novas capacidades, pela criatividade etc. Denominamos essa força de Eros (por referência à figura da mitologia grega: Eros é a virtude atrativa que leva as coisas a se juntarem, criando a vida; é uma força sempre insatisfeita e inquieta). A outra força vai exatamente no sentido contrário: busca levar o ser vivo de volta ao seu estado anterior, sem vida, à morte, ao nada. Essa, denominamos pulsão de morte.

Quando as falhas na função materna são demasiadamente severas, Eros fracassa em seu objetivo e a pulsão de morte toma conta. Aí se enquadram as patologias do vazio. Tudo que significa paixão, entusiasmo, desejo pela vida desaparece, abrindo espaço para a indiferença, a frieza, o descaso pelo mundo e pelos vínculos com outras pessoas. O vazio, o nada se apodera da vida emocional restando a *paz* sepulcral de uma morte psíquica. Penso que a morte é o tema dominante no livro de Camus. Não a morte como acontecimento biológico ou imposição judicial como epílogo do livro, mas a morte como eliminação de toda a turbulência pulsional que move e promove a vida.

Como disse anteriormente, não pretendo transformar ou reduzir o personagem de Camus a um mero caso clínico. Sua dimensão como personagem



literário ultrapassa os limites da psicopatologia, pois traz consigo uma dimensão social e filosófica considerável. O que desejo destacar é que o vazio mental que acabo de descrever é também um produto típico do mundo atual. Penso em Meursault como representação do homem da pós-modernidade, o qual é incitado sistematicamente a deixar-se levar pelos diferentes sistemas de apaziguamento ou de empobrecimento psíquico. O que convencionamos chamar de pós-modernidade (final do sec. XX e início do XXI) caracteriza-se por várias transformações sociais das quais menciono algumas muito salientes. A estabilidade e fixidez das instituições organizadoras do mundo social perdem espaço para uma instabilidade e fluidez desses valores. Há um descrédito em ideias e ideais como o estado, a verdade, a razão, a ciência, a família, a crença religiosa, a autoridade, a revolução etc. Ideias essas que se organizavam em corpos doutrinários (cristianismo, iluminismo, marxismo) os quais se esfacelam diante da nova realidade.

É uma época em que se promove o consumo, a imagem, a aparência, a busca de prazer imediato e fugaz. O mundo social transforma-se em um grande espetáculo no qual o sujeito é soterrado pela oferta de sensações externas que dominam seus vínculos afetivos, sua vida sexual, seus interesses culturais, e, sobretudo, sua capacidade de pensar de forma crítica sobre si e sobre o meio circundante. Algumas inovações tecnológicas favorecem tal transformação: os programas de televisão, os jogos de videogame, os veículos de comunicação por satélite, o encurtamento das distâncias. As fronteiras nacionais desaparecem. O contato pessoal deixou de existir tornando-se um convívio digitalizado através de uma tela de computador.

Posso dizer que a sociedade como um todo deixa de cumprir aquela função que há pouco mencionei: a função materna. Aquela que é capaz de acolher a angústia de seus membros propondo vias de compreensão dessa angústia e de mudança da realidade.

Mais do que isso, o mundo atual nos leva a crer que *tudo é possível*, ou que *nada é impossível*. Não há mais a interdição ditada por aquelas instâncias que de alguma maneira representavam a função paterna no seio da família. É exatamente a impossibilidade de satisfazer a todos os impulsos que assegura a permanência do desejo. O *tanto faz*, tão repetido por Meursault é a antítese do desejo, é a indiferença na qual mergulha o homem contemporâneo ao qual só resta o vazio, a morte.

Recorro, para finalizar, a uma psicanalista de origem búlgara, mas radicada na França, Julia Kristeva, que, em seu livro *As novas doenças da alma* (Kristeva, 1993), aponta para a espetacular redução da vida interior demonstrada na



experiência cotidiana. Recolho deste texto alguns excertos. “Quem, hoje em dia, ainda tem alma?” (p. 13) pergunta ela. E prossegue constatando que, pressionados que são pelo estresse, impacientes por ganhar e gastar, por desfrutar e morrer, os homens e mulheres de hoje se poupam dessa representação de sua experiência que se chama vida psíquica. A ação e seu avesso, o descaso, o abandono substituem a interpretação do sentido. Umbilicado em si mesmo, o homem moderno é um narcisista, talvez cruel, mas sem remorso. O sofrimento o prende ao corpo – ele somatiza. Quando se queixa, é para melhor comprazer-se na queixa para a qual não busca saída. Se não está deprimido, empolga-se com objetos menores e desvalorizados, num prazer perverso que não conhece satisfação. Habitante de um espaço e tempo retalhados e acelerados, tem, com frequência, dificuldade de reconhecer em si mesmo uma fisionomia. As novas doenças da alma (por incapacidade de representação da experiência emocional) chegam, até mesmo, a aniquilar o próprio espaço psíquico. □

Abstract

Some observations from reading Albert Camus' *The stranger*

Albert Camus' literary work *The stranger* presents a character whose behavior reminds us of clinical cases which are increasingly frequent nowadays. Those are the so-called pathologies of emptiness, which typically show an inability to think and to assign real emotional meaning to the very experiences of life.

Keywords: Albert Camus, The stranger, pathologies of emptiness, death drive, post-modernity.

Resumen

Algunas observaciones originarias de la lectura de *El extranjero* de Albert Camus

La obra literaria de Albert Camus, *El extranjero* presenta un personaje cuyo comportamiento lleva a pensar en cuadros clínicos cada vez más frecuentes en el mundo actual. Son las dichas patologías del vacío, que se caracterizan por la incapacidad de pensar y de dar a las diversas experiencias de la vida un significado emocional más genuino.



Palabras clave: Albert Camus, El extranjero, patologías del vacío, pulsión de muerte, postmodernidad.

Referências

Camus, A. (1957) *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record. 2005.

Kristeva, J. (1993) *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Lisondo, A.B. D. (2004) Na cultura do vazio, patologias do vazio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38 (2), pp. 335-358, 2004.

Recebido em 02/08/2013

Aprovado em 07/08/2013

Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Paulo Henrique Favalli

Rua Dr. Veridiano Farias, 154
90670-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: phfavalli@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA